

Herói acidental

Desmaiada, ela disparava pela estrada com o pé no acelerador. Sem pensar, ele foi atrás dela.

Por WILLIAM M. HENDRYX

KARA ROBERTS saiu de casa pela porta dos fundos e se encaminhou para o seu Jeep Grand Cherokee.

Vestindo calça preta e suéter listrado, deslizou as longas pernas por baixo do volante, espiou pelo espelho retrovisor e deu a partida.

Com pressa de chegar à casa dos pais em Cullman, Alabama, 72 quilômetros ao norte de Birmingham, Kara saiu sem tomar o café da manhã. Ia passar o dia fazendo compras com a mãe. Faltando apenas duas semanas para o Natal, a jovem esguia de 28 anos ainda tinha providências a tomar, como

comprar presentes e visitar amigos.

Ela e o marido, Lee, estavam tentando formar uma família, aparentemente sem sucesso. Mas, na verdade, o sucesso era maior do que Kara podia imaginar – ela estava grávida de um mês. Enquanto corria na Rodovia Interestadual 65 rumo ao norte, fome e alterações químicas em seu organismo estavam prestes a produzir um efeito inesperado.



DIRIGINDO no trânsito pesado, Jay Wilson tamborilava no volante um ritmo que só ele conseguia ouvir. Wilson, 30 anos, criara algumas de suas melhores canções ao volante.



Num momento, Kara estava dirigindo; no seguinte, **sentia-se afogueada, sufocada por uma onda de calor.**

Hoje não via sentido em fazer isso. Abandonara a música para sempre.

Apenas uma hora antes, fizera uma prova na universidade em Tuscaloosa, tentando uma nova carreira em direito ou *marketing*. Nesse momento voltava para casa, em Madison, uma viagem de duas horas e meia em direção ao norte. Ele e Heidi, sua mulher, haviam se mudado para lá duas semanas antes.

Desde criança, Wilson se dedicara à música – mas só teve decepções. A última acontecera numa noite, alguns meses antes, em uma pequena boate enfumaçada. Enquanto cantava *rocks* de sua autoria, a platéia o in-

terrompia ruidosamente pedindo melodias *pop* conhecidas. Sentado no palco, rodeado pelos amplificadores, o teclado e a guitarra, Wilson perdeu a fé em sua música. E depois começou a perder a fé em si mesmo.

Era um momento de reavaliação. Ele e Heidi queriam uma família. Se a música não podia sustentá-los, teria de encontrar outra forma. Decidiu então retornar à faculdade e conseguir um emprego “de verdade”. Ou seja, estava desistindo de seu grande sonho.

LOGO À FRENTE, na estrada interestadual de seis pistas, Kara Roberts

agarrava com força o volante. Carros, ônibus, vans e carretas passavam – todos parecendo vir ao seu encontro.

Em um momento, estava dirigindo na estrada, no seguinte, sentia-se afogueada, sufocada por uma onda de calor. Foi sua última percepção antes de perder os sentidos. Com o pé ainda no acelerador, o Cherokee cinza – agora desgovernado – disparava pela estrada a cerca de 100 km/h.



ALGO CHAMOU a atenção de Wilson. Na pista do meio, um pouco à sua frente, um veículo cinza mudou de repente de direção. Guinou para a esquerda – talvez se desviando de detritos na estrada – e derrapou na frente dele. No momento seguinte, resvalou na mureta de concreto que separava as pistas da mão oposta.

Por reflexo, Wilson tirou o pé do acelerador, reduzindo a velocidade do seu Toyota de duas portas. *O motorista deve ter cochilado, pensou. Essa batida vai despertá-lo!*

Mas o Cherokee tornou a bater na mureta, o metal raspando no concreto, produzindo fagulhas. As rodas começaram a subir na mureta, deixando uma longa marca preta antes de o veículo retornar ao asfalto. A cada poucos segundos, quicava na barreira, subindo cada vez mais alto.

A mente de Wilson girava – o que poderia fazer? Pisou no acelerador e emparelhou com o Cherokee,

que voltara à pista. O perigo era óbvio: se o carro guinasse em sua direção, poderia abalroá-lo. Olhou rápido para a esquerda, sem desviar a atenção da estrada. Viu uma jovem ao volante. Cada vez que o carro batia na mureta, a cabeça e os longos cabelos escuros da jovem eram atirados de um lado para o outro.

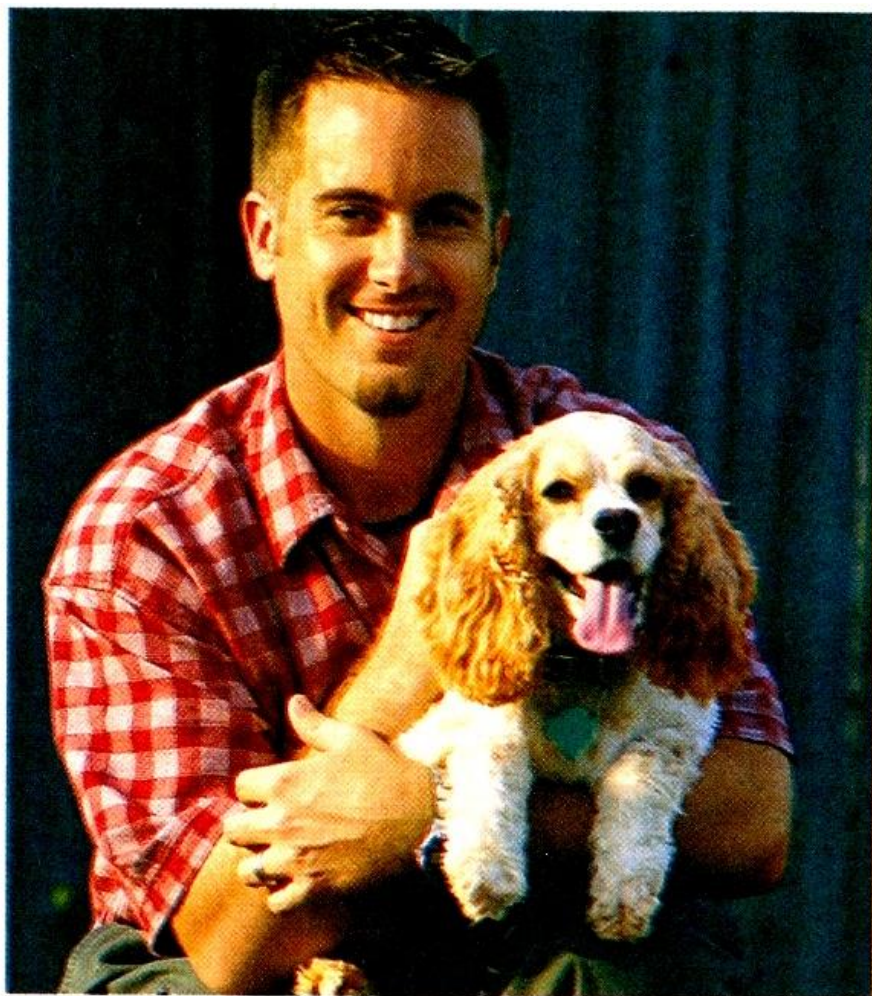
Teria desmaiado? Estaria morta?, perguntava-se Wilson. Se não fizesse algo, ela com certeza morreria, pois, apesar dos seguidos choques contra a barreira, o Cherokee não diminuía a velocidade. A qualquer momento, poderia deslizar novamente sobre a mureta e capotar, ou saltar a divisória e bater de frente com os veículos da pista oposta.

Sem pensar na própria segurança, Wilson reagiu. Pisou fundo no acelerador e tomou a dianteira. Com cuidado, manobrou para a esquerda, próximo à barreira de concreto. O Cherokee estava quase colado nele.

A idéia era igualar a velocidade dos carros, deixar o Cherokee se aproximar devagar e, assim que se tocassem, frear ambos.

Funcionaria? Não sabia, mas parecia ser o mais certo a fazer. E isso era o que lhe haviam incutido desde a infância. Estaria preparado? Não havia tempo para duvidar de si mesmo.

Olhou pelo retrovisor. O Cherokee agora estava a centímetros de seu pára-choque. Wilson retesou o corpo e esticou os braços, preparando-se para o impacto. Desacelerou bem devagar. O veículo se aproximou. *Devagar*, disse a si mesmo. Lentamente,



Algo chamou a atenção de Wilson. **O carro mudou de direção de repente.**

pressionou o freio. *Bang!* Sua cabeça deu um tranco para trás. O Cherokee colidiu com o Toyota, atirando-o para a frente a toda velocidade.

O impacto foi muito mais violento do que Wilson esperava. Ele apertou mais o volante. Com os nós dos dedos brancos e o coração disparado, olhou o retrovisor e reduziu a distância entre seu carro e o Cherokee, que ainda vinha atrás dele. Teria de frear mais forte – muito mais forte – se quisesse ter uma chance de pará-lo.

Outra vez o Cherokee estava a

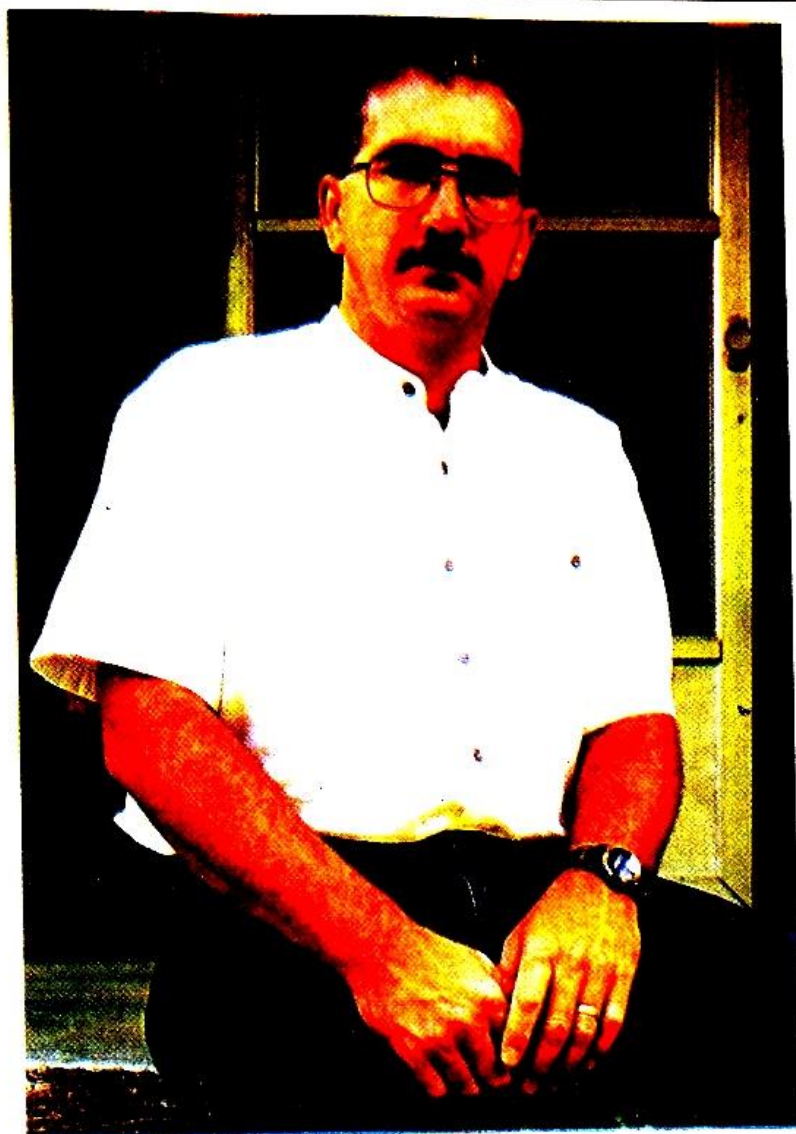
centímetros de seu pára-choque. Wilson pisou forte no freio e travou o joelho direito. O Cherokee martelou o pequeno Toyota, subindo em seu portamalas. A traseira do automóvel cedeu sob a pressão. Por um momento assustador, Wilson perdeu o controle do carro.

Seu coração estava disparado. Ele se colocara em perigo, mas não havia como voltar atrás. Entrara no jogo e teria de ir até o fim.

Presos um ao outro, o Toyota e o Cherokee deram uma forte guinada para a direita, cortando três pistas da estrada a um ângulo de 45°. O volante girou abruptamente e Wilson

soltou as mãos na hora, com medo de fraturar os pulsos na colisão. Em seguida, o Toyota bateu na grade de proteção de aço, e o Cherokee o atingiu com violência. Ondas de choque percorreram o corpo de Wilson. Os veículos ricochetearam na grade de proteção e guinaram para a esquerda. A colisão abriu uma distância de alguns carros entre eles. Agora o Toyota disparava ao longo do acostamento asfaltado, o Cherokee em sua perseguição.

Aturdido, porém no controle,



Clay ficou apavorado. O rosto da mulher **tinha a cor da morte.**

Wilson tornou a agarrar o volante. Podia ver o carro cinza atrás dele, aproximando-se, batendo na grade de proteção. Talvez tivesse conseguido reduzir a velocidade dele em uns 15 ou 25 km/h. Mas tinha de tentar de novo. A idéia o fez estremecer.

PHILLIP CLAY, motorista de uma loja de materiais para reformas, avistara

o Cherokee desgovernado quase no mesmo instante que Wilson. De seu ângulo de visão, no entanto, não podia ver o corpo de Kara Roberts. A princípio, pensou tratar-se de um carro vazio que se soltara de um *trailer*.

Então viu o Toyota pôr-se à frente do Cherokee, supostamente para tentar detê-lo. *Isso não vai dar certo*, pensou. *O Toyota é leve demais*. Temendo que outros se ferissem, Clay começou a ziguezaguear pelas três pistas com seu caminhão de uma tonelada e meia, bloqueando o trânsito.

ENQUANTO Jay Wilson se preparava para mais uma tentativa, ouviu uma buzina e, ao olhar para a esquerda, viu um caminhão de entregas emparelhar com ele. O motorista acenava, fazendo sinal para que se afastasse.

Aliviado, Wilson acelerou. Seu corpo estava moído, e o carro rangia e falhava pelas batidas que levava. Clay então ultrapassou o Cherokee, pondo-se à sua frente, e acionou os freios.

O caminhão, mais pesado, reduziu a velocidade do veículo, e ambos derraparam até parar ruidosamente no acostamento.

CLAY PENSOU: *Não foi tão ruim assim.* Mas havia algo errado. Ainda podia sentir o Cherokee empurrando, investindo contra ele. *Meu Deus! O motor está ligado, percebeu. O carro está engrenado!*

Puxou o freio de mão, saltou do caminhão e correu para o Cherokee. No entanto, as janelas do veículo estavam fechadas, as portas trancadas. Com as mãos em concha, ele pressionou o rosto de encontro ao vidro fumê e olhou para dentro. Espanitou-se ao ver a mulher caída sobre o console, a cabeça no assento do passageiro – os olhos cerrados, a boca aberta, o rosto da cor da morte.

Correu até o caminhão, pegou uma barra de aço e voltou para espantar uma das janelas traseiras do veículo. Em seguida, abriu a porta do motorista, desligou o motor e puxou Kara. Ela estava fria e úmida.

ATURDIDO, Jay Wilson saiu do carro, cambaleou até a grade de proteção e sentou-se. Pessoas que passavam se reuniram próximo ao veículo, comentando sobre o acidente e a mulher inerte em seu interior. Naquele instante, como se esbofeteada, Kara se ergueu, gritando aterrorizada.

Ela não tinha idéia de onde estava ou de como havia chegado ali. Wilson observava enquanto o motorista do caminhão tentava acalmá-la. “Está tudo bem”, dizia Clay. “Você está a salvo agora.”

Longe do centro das atenções, Wilson sentiu-se tomar pela emoção. A jovem que ele num impulso tentara ajudar estava viva!

Kara e Wilson foram levados para o Centro Médico Regional de Cullman. Inacreditavelmente, ela não se ferira. Ficou ainda mais surpresa e radiante quando o exame revelou que estava grávida. Segundo os médicos, a falta de alimento e a gravidez poderiam ter provocado o desmaio.

Wilson sofreu escoriações e uma distensão nas costas. O carro ficou destruído. Mas ele ganhou mais do que perdeu. “Amor-próprio é algo muito forte”, diz ele. “E naquele dia recuperei o meu. Foi como nascer de novo.”

Sua música também renasceu. Wilson decidiu prosseguir com os estudos e conseguir um “emprego de verdade”, mas prometeu a si mesmo que jamais voltaria a abandonar a música. Na verdade, está pensando em compor uma canção para Linton Davis Roberts, filho de Kara, que nasceu em 28 de julho de 2000.

ESFORÇO EM VÃO

Depois de um excelente jantar, meu irmão ofereceu-me a sobremesa. Eu estava muito satisfeita, por isso recusei.

– O quê?! – exclamou minha sobrinha de 4 anos. – E comeu tudo isso à toa?

–MARIANNE LACROIX, Canadá